

QUEM AMA, RESPEITA, CUIDA, PROTEGE E TRANSFORMA: O PROJETO LIAU NA EMEF PORTO NOVO E AS TEORIZAÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DA “PRAÇA DO FUTURO”

Introdução

O presente texto apresenta as *teorizações* e *ações* levadas a cabo ao longo de três anos (2015, 2016 e 2017) do projeto Laboratório de Inteligência do Ambiente Urbano (LIAU), na EMEF Porto Novo, onde o mesmo pretendeu alcançar *objetivos* que propunham um *percurso formativo*, em turno integral, capaz de (re)construir noções, competências e habilidades, concernentes à Educação Ambiental e ao lema expresso no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, a saber: “quem *ama, respeita, cuida, protege e transforma*”.

1 TEMA

O Laboratório de Inteligência do Ambiente Urbano (LIAU) como *projeto* que propõe um *percurso formativo* em turno integral que seja capaz de (re)construir ações específicas, quais sejam, a construção da “Praça do Futuro”, no espaço baldio que há em frente à E.M.E.F. Porto Novo, pois: “quem *ama, respeita, cuida, protege e transforma*”.

2 A E.M.E.F. Porto novo

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Novo é a mais nova escola de ensino fundamental do município de Porto Alegre (2015). Situa-se a oeste do Arroio Feijó e a leste do Arroio Agostinho, exatamente na metade da distância entre estes dois corpos d’água. Fica no extenso, populoso e povoado bairro que recebe o nome geral de Rubem Berta, nas imediações do *lugar* conhecido como *Porto Seco*, ou ainda, mais especificamente, no loteamento comumente chamado de “Porto Novo” ou “Nova Dique”, a norte do *Sambódromo* da cidade de Porto Alegre.

Inaugurado em março de 2015, o educandário utiliza a *Carta da Terra*¹ como parâmetro forte, integrando as noções ecológicas desta declaração internacional em seu PPP, pautando-se portanto, pelas questões ambientais.

Assim, escola tem, em sua raiz, o compromisso com a *Educação Ambiental*, com a *sustentabilidade*, procurando educar seus estudantes com as questões *urbanas* de modo integrado.

A *comunidade* atendida pela escola Porto Novo é oriunda da *Vila Dique*. Trata-se de uma porção, de **400 famílias**, que integrava os habitantes da precária *zona de invasão*, existente ainda hoje na capital gaúcha (2018), de uma *vila* que está justaposta imediatamente a leste do aeroporto da cidade, o Aeroporto Internacional Salgado Filho, às margens do arroio de mesmo nome, Arroio Dique, que leva este nome por ter as suas margens contidas retilíneamente, na forma em um *dique*.

Tal população, foi alocada no atual loteamento, que tem sido chamado pela prefeitura da cidade e pela *mídia* em geral de *Loteamento Porto Novo*, construído, por sua vez, para reassentar os referidos populares que até então, na *Vila Dique*, estavam em situação irregular.

Na *Vila Dique*, o principal meio de subsistência era, e ainda é para os que lá ficaram, o da catação de lixo, promovido pelos moradores com o auxílio de carroças e carrinhos, com a posterior venda destes restos aos locais de compra e revenda, visando a reciclagem.

¹ A *Carta da Terra* é um documento de caráter *internacional, universal e global*. Trata-se de uma *declaração* que encerra princípios *éticos* que são *fundamentais*, ou seja, em se tratando de *Ética* (com “e” maiúsculo, para designar um dos *campos* do *saber* que integram a *Filosofia*), no sentido estrito e técnico do termo, *princípios* que pretendem serem *universais*. Tais *juízos*, formam como que *prolegômenos* que traçam, para o século XXI, a construção de uma sociedade *justa, sustentável e pacífica*. O documento foi divulgado no ano de 2000 e constitui o resultado de mais de uma década de diálogos e discussões interculturais, em torno de, como já foi dito, *objetivos* que almejam serem *comuns* e baseados em *valores* compartilhados por *todos os povos*. A iniciativa foi da ONU (Organização das Nações Unidas), mas, o texto final foi integrado pela “Comissão da Carta da Terra”, uma entidade internacional independente que concluiu e divulgou o documento que, na ocasião, também foi chamado de a *Carta dos Povos*. É importante ressaltar que a ideia da *Carta da Terra* foi tomada da ONU e desenvolvida pela “sociedade civil”, o que envolveu mais de 4.500 organizações, entre organismos governamentais e organizações internacionais. O texto almeja *inspirar* todos os povos a uma nova vivência, baseada em um sentido de interdependência global, calcado na responsabilidade compartilhada, voltado-se para o bem-estar de todos os humanos, considerados como *família humana* e grande *comunidade* da vida. Tudo isso, principalmente, sem esquecer as gerações futuras. O documento é permeado por uma visão de *esperança* e de *chamado à ação*, oferecendo o que foi considerado como um novo marco para guiar a *transição* para um *futuro sustentável*. Assim, na EMEF Porto Novo, a *Carta da Terra* emergiu como um documento que pôde, absolutamente, ser usado como balizamento para as ações pedagógicas do projeto LIAU, porque reconhece, ainda, como objetivos, a *proteção ecológica, erradicação da pobreza, desenvolvimento econômico equitativo, respeito aos direitos humanos, democracia e paz*; todas estas, *noções* caríssimas à educação ambiental. Deste modo, por assim dizer, o mesmo *espírito* verificado nos demais projetos LIAU, desenvolvidos nas outras escolas da RME de PoA, mantem-se na Porto Novo, bem como, mantem-se coerente com as ações desenvolvidas, desde o ano de 1999, quando a professora Cleonice de Carvalho Silva *semeou* tais ideias na rede.

Assim, é mister e inere à vocação da escola que se eduque para a *sustentabilidade*; por causa das especificidades da comunidade, que, em boa medida e ainda, tem, mesmo em seu novo bairro, suas atividades socioeconômicas relacionadas com a questão da *reciclagem* e do *lixo*, visto que muitos ainda conservam os mesmos meios de subsistência.

O presente contexto sócio-histórico e econômico, justificou que a EMEF Porto Novo integrasse o conjunto de escolas da Rede Municipal de Educação (RME) que desenvolviam a Educação Ambiental também por intermédio do projeto LIAU.

Assim, após a apreciação da Coordenação de Educação Ambiental/ Assessoria de Temas Transversais, vigente na época, da Secretaria Municipal de Educação (SMED), de Porto Alegre, em 2015, o LIAU incorporou as ações educativas, no turno integral, à tarde, na EMEF Porto Novo.

3 Início e Contexto do LIAU na EMEF Porto Novo

Como já referido o projeto foi aprovado para ser aplicado a partir do ano de 2015, atentando, também, à pertinente e vigente legislação (lei 9.795/1999), que objetiva garantir o desenvolvimento de uma compreensão mais integrada das imbricadas interpenetrações relativas aos diversos elementos que *compõem o nosso meio em torno*, o Meio Ambiente.

Assim, aspectos ecológicos, psicológicos, sociológicos, políticos, econômicos, científicos, culturais, estéticos, éticos, filosóficos, geográficos e históricos foram assumidos como centrais ao longo dos estudos desenvolvidos no projeto, tendo seus *escopo* e *circunspeção* nos fazeres didáticos voltados a uma Educação Ambiental.

Somado a este desígnio, o LIAU da Porto Novo, procurou (re)construir noções que são relativas ao PPP² da escola que, tomando por base a Carta da Terra, prevê, para o comportamento final do estudante, uma inteligência que passe da *anomia*³ para a *autonomia*,

² O Projeto Político Pedagógico (PPP) da E.M.E.F. Porto Novo encontra-se em fase de conclusão.

³ Pretende-se, com a utilização do termo “anomia”, algo condizente com o pensamento sociológico clássico em Durkheim e Merton, entendido como “a ideia de um enfraquecimento dos mecanismos de integração social [...] de uma parcela da população não partilhar mais os valores e não respeitar mais as normas dominantes de uma sociedade” (DORTIER, 2010, p. 16).

sendo esta entendida como a *liberdade moral e intelectual*, bem como, a *emancipação*⁴ do meio socioeconômico e cultural envolvente.

Assim, conforme imagem a seguir (Ilustração 1), objetivou-se formar para integrar na sociedade *sujeitos cidadãos engajados e atuantes; engajados, porque se importam, graças a benquerença (re)construída; atuantes, porque cômicos da necessidade de transformações.*

Para tanto, buscou-se romper com aquilo que o sociólogo francês David Émile Durkheim (1858-1917) chamava de “suicídio anômico”⁵, que, adaptando para o presente caso, para fins sociológicos e de cidadania, nada mais é do que o “declínio da integração do indivíduo no seio da família ou da comunidade de trabalho” com o consequente “enfraquecimento dos valores morais de uma sociedade” (cf. DURKHEIM, 2000 e DORTIER, 2010). Noção semelhante tinha o sociólogo estadunidense Robert King Merton (1910-2003) quando empregava os termos “desviância”, “revolta” e “isolamento”, ou seja, uma “recusa de participação social.”, que acaba gerando “culturas malignas” (cf. MERTON, 1979 e DORTIER, 2010).

Mister dizer que isso é imprescindível na comunidade onde a E.M.E.F. Porto Novo está inserida, visto o recente e tumultuado⁶ loteamento que é.

⁴ *Emancipação*, no presente texto, tem sim o sentido freiriano do termo, quando o epistemólogo recifense afirma que o sentido último só se faz “se os oprimidos buscarem a reconstrução de sua humanidade e realizarem a grande tarefa humanística e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e os opressores” (FREIRE, 2002, p. 30).

⁵ O termo “suicídio anômico” foi tomado de Durkheim (2000) e quer aqui expressar esta relação “indivíduo” e “sociedade”, ou seja, “a sociedade não é apenas um objeto que atrai para si, com intensidade desigual, os sentimentos e a atividade dos indivíduos. Também é um poder que os regula. Há uma relação [...]” (p. 303). E mais, o presente autor não está fazendo referência a Durkheim a despeito de todas as críticas que esse sociólogo da capital dos “Vosges” recebeu. No que tange a presente abordagem, da adaptação da terminologia “suicídio anômico”, não se desconhece a crítica do filósofo parisiense Raymond Claude Ferdinand Aron (1905-1983) à “sociedade mecânica” que Durkheim concebeu.

Segundo Aron (2003) “Duas fontes de erro são incontestáveis” (p. 494) no pensamento de Durkheim, a saber: a primeira é a de que nem sempre os suicídios vêm ao conhecimento público e/ou das autoridades, vindo a compôr os dados estatísticos, sendo ainda “fato [...] que os suicídios quase sempre só são conhecidos pelas declarações das famílias” (p. 494). A segunda, diz respeito à frequência dos suicídios frustrados, as tentativas de suicídio. Segundo Aron (2003), “Durkheim não chegou a estudar este problema, que aliás só recentemente foi levado em consideração. É, na verdade, muito complexo pois seria necessário um estudo psicossocial de cada caso a fim de saber se a intenção suicida era verdadeira ou não” (p. 494).

Entretanto o presente texto toma a terminologia “suicídio anômico” em sua acepção *sociológica* e não *psicológica*.

Assim, embora se possa concordar com Aron (2003) que o “risco da interpretação ou da terminologia de Durkheim reside na substituição da interpretação positiva, que combina sem dificuldades fatores individuais e coletivos, por uma concretização mítica dos fatores sociais, transfigurados em força supra-individual [...]” (p. 497), pode-se, também, concordar com ele quando afirma que “Estas interpretações contraditórias são explicáveis se nos lembrarmos de uma dualidade que não é contradição, e que encontramos no centro do pensamento de Durkheim. Este procura reconstruir o consenso social e reforçar a autoridade dos imperativos e dos interditos coletivos” (ARON, 2003, p. 575), aspectos tão necessários à vida social e democrática.

⁶ A área geográfica onde está inserida a EMEF Porto Novo fica exatamente no meio daquilo que o IBGE chama de “aglomerados subnormais” e que, segundo o próprio instituto, são áreas que concentram “populações de renda extremamente baixa, que, na grande maioria das vezes, são vilas e favelas”. Assim, a escola está praticamente contígua, a norte, da vila chamada de “Amazônia”, a oeste e sudoeste, respectivamente, das vilas

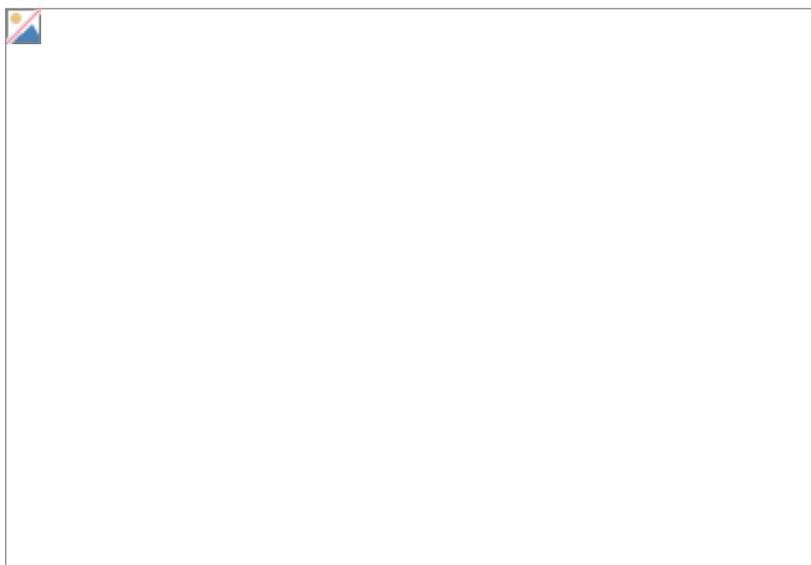


Ilustração 1: imagem que tenta demonstrar, num “organograma”, a Carta da Terra como parâmetro, o *lema* e *postura* que se quer construir no estudante, as noções “eu” (*Ego*), o “outro” (*Alteridade*) e o *mundo* (entendido como “natureza” e “sociedade”) e a *formalização* e o estudo disso nas diferentes *disciplinas* e/ ou *áreas do conhecimento*.

Como afirmado anteriormente, o PPP da escola tem como parâmetro forte a Carta da Terra, procurando fazer com que, como o organograma acima (Ilustração 1) quer representar, os alunos (re)ensem noções de *respeito*, *cuidado* e *proteção*; de *si mesmos*, *dos outros* e do *mundo*; este último compreendido como *natureza* e *sociedade*.

4 DELIMITAÇÃO DA PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

Como já foi referido em outro projeto encaminhado à SMED (ver a “Delimitação da Proposta Didático-pedagógica” do *projeto* que foi enviado em 2015 e que foi aprovado para ser aplicado durante o ano vigente, 2016, no ANEXO 1), há uma legislação pertinente (Lei 9.795/1999) que

“Santa Rosa” e “Quatorze de Novembro”, ao sul da vila “Recanto do Chimarrão”, a sul-sudeste das vilas “Beco da Fumaça” e “União”, a sudeste das vilas “São Borja”, “Minuano” e “Dique do Sarandi” e a leste da vila “Nazaré”; todas áreas de conflagradas disputas pelo tráfico de drogas e pela violência urbana que assola capital do gaúchos de modo cada vez mais severo na atualidade. Assim, o loteamento onde se situa a escola, por ser uma área “nova” nesta configuração geográfica “subnormal” e “suburbana” é palco de lutas em busca de autoafirmação neste, por assim dizer, “submundo” da violência urbana atrelada ao ilícito.

objetiva garantir o desenvolvimento de uma compreensão mais integrada das imbricadas interpenetrações relativas ao diversos elementos que *com em põem nosso meio em torno*, o Meio Ambiente. Assim, aspectos ecológicos, psicológicos, sociais, políticos, econômicos, científicos, culturais, estéticos, éticos, filosóficos, geográficos e históricos devem ser, e é o que se assume no presente texto, o *escopo* e a *circunspeção* dos fazeres didáticos que sejam voltados a uma Educação Ambiental.

Somado a este desígnio, o *projeto* “Laboratório de Inteligência do Ambiente Urbano (LIAU), especificamente na E.M.E.F. Porto Novo, procurará (re)construir noções que são relativas ao Projeto Político Pedagógico (PPP)⁷ da escola que, tomando por base a Carta da Terra, preveem, para o comportamento do estudante, a passagem da *anomia*⁸ para a *autonomia*, esta entendida como a *liberdade moral e intelectual*, bem como, a *emancipação* do meio socioeconômico e cultural envolvente.

Assim, conforme imagem abaixo (Ilustração 1), objetiva-se que estar-se-ão sendo entregues à sociedade *sujeitos cidadãos engajados e atuantes; engajados, porque se importam, graças a benquerença* (re)construída; *atuantes, porque cômnicos da necessidade de transformações:*

⁷ O Projeto Político Pedagógico (PPP) da E.M.E.F. Porto Novo encontra-se em fase de conclusão.

⁸ Pretende-se, com a utilização do termo “anomia”, algo condizente com o pensamento sociológico clássico em Durkheim e Merton, entendido como “a ideia de um enfraquecimento dos mecanismos de integração social [...] de uma parcela da população não partilhar mais os valores e não respeitar mais as normas dominantes de uma sociedade” (DORTIER, 2010, p. 16).

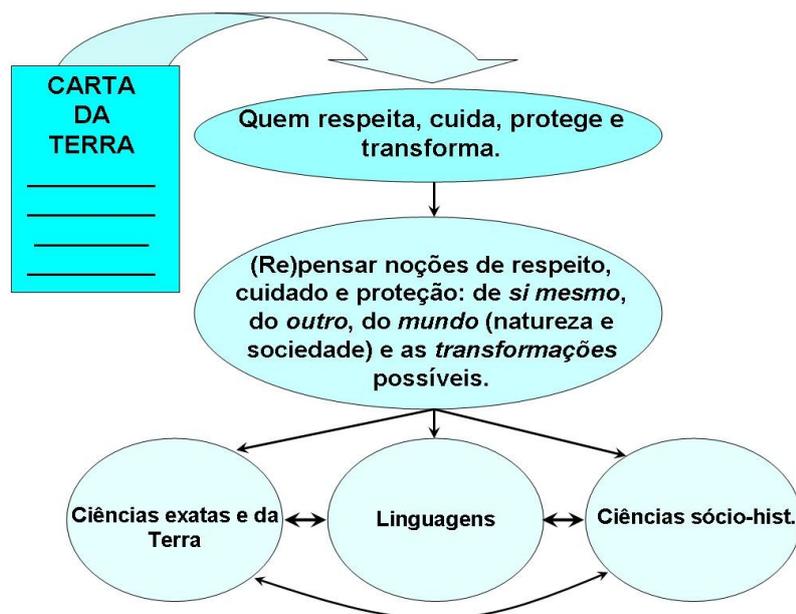


Ilustração 1: imagem que tenta demonstrar, num “organograma”, a Carta da Terra como parâmetro, o *lema* e *postura* que se quer construir no estudante, as noções “eu” (*Ego*), o “outro” (*Alteridade*) e o *mundo* (entendido como “natureza” e “sociedade”) e a *formalização* e o estudo disso nas diferentes *disciplinas* e/ ou *áreas do conhecimento*.

Deste modo, busca-se romper com aquilo que, para Durkheim, é o “suicídio anômico”, o “declínio da integração do indivíduo no seio da família ou da comunidade de trabalho” e o “enfraquecimento dos valores morais de uma sociedade”, e que, para Merton, é a “desviância”, a “revolta” e “isolamento”, ou seja, a “recusa de participação social.” (cf. DORTIER, 2010, p. 16).

Mister dizer que isso é imprescindível na comunidade onde a E.M.E.F. Porto Novo está inserida, visto o recente loteamento que é, bem como, a chegada de várias famílias que ainda estão por vir para integrar o novo bairro.

5 JUSTIFICATIVA

Leis, parâmetros, cartas, relatórios, inúmeros são os documentos que legislam, preveem e sugerem a inserção da Educação Ambiental nas escolas. A Carta da Terra, por exemplo, em seu

preâmbulo, destaca o paradoxal momento de *perigo* e *esperança* atual, bem como, a questão da *exclusão* motivada pela *má distribuição da renda* que gera pobreza, e, ainda, a devastação ambiental e o esgotamento dos recursos como *fatos*, mesmo que não totalmente inevitáveis, ao menos *não* ainda.

A E.M.E.F. Porto Novo está inserida em uma comunidade que tem boa parte de suas atividades socioeconômicas relacionadas com a questão da reciclagem, e, portanto, envolvidas com aquilo que é o resultado final de todo o processo produtivo, a saber: o lixo. Assim, a instituição de ensino não pode ficar alheia às questões ambientais, éticas e cidadãs acima aduzidas.

Deste modo, o compromisso com a *sustentabilidade* e o chamado ao trabalho com seus alunos no sentido de *despertar* e *(re)construir* neles a *benquerença* e a *autonomia*, que fazem parte da missão da E.M.E.F. Porto Novo, justificam o presente projeto.

6 OBJETIVOS

6.1 OBJETIVO GERAL

(Re)construir ações específicas, quais sejam, a construção da “Praça do Futuro”, no espaço baldio que há em frente à E.M.E.F. Porto Novo, pois: “quem *ama, respeita, cuida, protege* e *transforma*”.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

O presente projeto busca ainda a consecução dos seguintes objetivos:

- Oportunizar o protagonismo juvenil sob a forma de *monitoria* (*monitores do LIAU*)
- Reconhecer as especificidades do sítio do bairro Porto Novo
- Reconhecer as especificidades do sítio da cidade de Porto Alegre
- Reconhecer vegetais autóctones e exóticos do/ no bairro Porto Novo
- Reconhecer a vegetação da cidade de Porto Alegre

- Reconhecer a altimetria do bairro Porto Novo
- Reconhecer o relevo da cidade de Porto Alegre
- Reconhecer o microclima do bairro Porto Novo
- Reconhecer o clima da cidade de Porto Alegre
- Reconhecer os arroios da região do entorno do bairro Porto Novo
- Reconhecer a hidrografia da cidade de Porto Alegre
- Relacionar *clima e vegetação*
- Relacionar *relevo e hidrografia*
- Planejar os *espaços* da E.M.E.F. Porto Novo
- Ler o Atlas Ambiental da Cidade de Porto Alegre
- Discutir os problemas ambientais da capital gaúcha
- Conceituar *lago*: estudo de caso do Guaíba
- Descrever a *paisagem* do bairro Porto Novo
- Descrever a *paisagem* da cidade de Porto Alegre
- Discutir o “problema” ou a “solução” do *lixo* em Porto Alegre
- Julgar ações relacionadas com o ambiente do/ no bairro Porto Novo
- Julgar ações relacionadas com o ambiente de Porto Alegre
- Propor soluções para questões ambientais locais (bairro/ cidade) e globais (país/ continente/ planeta)
- Narrar aspectos do ambiente natural local (bairro/ cidade) e global (país/ continente/ planeta)
- Descrever aspectos do ambiente natural local (bairro/ cidade) e global (país/ continente/ planeta)
- Desenhar aspectos do ambiente natural local (bairro/ cidade) e global (país/ continente/ planeta)
- Esboçar aspectos do ambiente natural local (bairro/ cidade) e global (país/ continente/ planeta)
- Formar *alunos monitores* para serem *multiplicadores* da Educação Ambiental (re)construída ao longo do projeto LIAU
- Divulgar as produções dos estudantes na *Redes Sociais da Internet (Blog's, Facebook, Twitter, etc.)*.

7 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Antes de mais, o presente autor gostaria de deixar claro que assume *todos* os pressupostos defendidos no projeto anterior (ver “Fundamentação Teórica”, no Anexo 1, do projeto atual), e, a eles, gostaria de somar os seguintes fundamentos concernentes ao último “objetivo específico” do presente projeto:

Vivemos em tempos *pós-modernos*, quiçá *hipermodernos* (LIPOVETSKI, 2004) ou *hipervirtuais* (SILVA, 2005). Nossos alunos, uma nova geração, estão acostumados a *pular* obstáculos, *contornar* óbices, *driblar* embaraços (cf. RUSHKOFF, 1999). Diferentemente das gerações passadas, eles *não se preocupam* em “derrubar” obstáculos; *pulam*, deixando para trás o que obstava, *não se preocupam* em “vencer” dificuldades; *contornam*, despreocupados com a barreira, não se atribulam em “desfazer” embaraços; *driblam*, abandonando o estorvo atrás de si. São uma geração mais apta a sobreviver na era atual, a era do caos (RUSHKOFF, 1999, p. 49-65).

Aqui temos dois *elementos* importantes do *espírito humano*⁹ com o qual estamos lidando; a nova geração atual: o aspecto do “não se preocupar” e o aspecto do “tudo tem solução”; *não há* com o que se *preocupar*, porque *tudo tem solução*; se *tudo* tem uma *outra solução possível*, *não há* com o que se *preocupar*.

Sumariamente, mas sem com isso querer parecer *simplista*, como se pode ver, a atual geração que pende para a *anomia* e que lida muito bem com “soluções” *evasivas* para os desafios, é assim porque esses dois aspectos, *anomia* e *esquiva*, reencaminham-se um ao outro.

Entrementes, nossos estudantes estão altamente interessados na *criatividade* e na *generosidade*¹⁰ do mundo *conectado*, na *Internet*. Estão mais aptos a *organizar* e se *organizar* sem *organizações* (cf. SHIRKY, 2010, 2011). Os *blogs*, sejam *personais*, *informativos* ou *participativos* (MININNI, 2008), os *softwares de relacionamento* (também chamados de “Redes Sociais”), tais como,

⁹ A terminologia *espírito humano* merece *fundamentação*, ou, ao menos, um *esclarecimento*: não se trata aqui de “Espírito Santo”, “espiritismo”, ou mesmo “espiritualidade”. A referência que se quer fazer é ao *espírito humano* no sentido da *Antropologia Filosófica*, ou seja, a referência ao *humano* que é dotado de *algo* que é, por assim dizer, *espírito*, *algo* que *anima* e dá *vida* ao *humano* que é, certamente, *animal* também, mas, sobretudo, que é mais do que isso, que é *espírito*. Assim, *espírito humano* assume aqui o mais *clássico* sentido utilizado pela *tradição* das *Ciências Humanas* ou *Humanidades*.

Por outros termos, segundo Valéria Viana Labrea (informação verbal durante formação de professores na E.M.E.F. Porto Novo, em 26 de fev., 2016), Leonardo Boff, que, juntamente com ela, foi um dos autores da *Carta da Terra*, teve “enorme dificuldade de introduzir a palavra espiritual no texto da Carta da Terra, porque havia imenso preconceito para com este termo.”. Destarte disso, essa concepção *filosófica*, que tem origem também *teológica*, necessita ser trabalhada nas escolas, sob pena de se esquecer e renegar uma das que é, certamente, mais importantes dimensões do ser humano.

¹⁰ Num primeiro momento o termo “generosidade” pode parecer temerário, visto que a *Internet* é “território” que permite toda sorte de “cyberbullying” e “trollagens”. Mas, segundo Shirky (2011), a *Internet* revela-se “generosa” porque permite uma *cultura da participação*, visto que é *interativa* e *colaborativa*.

o Facebook, o Twitter, as “redes” para trocas de registros sob a forma de imagens (fotografias), ao estilo Instagram, etc. Todas essas formas de *conexão* formando *redes*, fazem parte do universo de nossos alunos. Eles, na maioria das vezes, antes da escola, já aprenderam a se mover nesses ciberespaços. Cabe à escola aproveitar as potencialidades dessas *novas mídias*.

Assim, permitir que os estudantes *publiquem* suas produções, e, antes disso, *pesquisem* e *produzam* seus trabalhos escolares, que, agora, podem ser *multi-midiáticos*: misto de *textos – hipertextos* na verdade –, *sons, imagens e vídeos* na Internet, torna-se uma *necessidade* para nossos estudantes atuais, e que deve ser amparada pela escola, pois, um trabalho feito por eles não deve ser lido apenas pelo professor de Geografia, nem mesmo ficar confinado dentro dos muros da escola. As produções dos estudantes *devem* serem expostas na a grande *Rede Mundial de Computadores*, a WWW, e ganharem o mundo, para que possam ser debatidos, comentados, corrigidos, atualizados e compartilhados.

Assim, concluindo os aspectos que fundamentam teoricamente o presente projeto, uma *Educação Ambiental* bem disposta num *percurso formativo* bem planejado, aliada a modos de divulgação e *interação virtuais* podem ser excelentes modos de (re)significar o *mundo* dos estudantes, tornando-os *autônomos* e *sujeitos cidadãos* que lidem de modo *ético consigo* mesmos, com o *outro* e com o *mundo*.

8 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Assume-se o *problema do critério* já aduzido no projeto anterior (ver “Aspectos Metodológicos” no Anexo 1, à página do atual projeto). Ademais, some-se o seguinte: os aspectos metodológicos a serem utilizados serão os da *leitura, interpretação de textos, discussões e debates* e *(re)construções textuais analógicas e digitais*, como se defendeu no capítulo anterior.

8.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos do presente projeto pedagógico serão os estudantes do terceiro ciclo, da E.M.E.F. Porto Novo, especificamente os das turmas B31, C11, C21 e C31, e, é claro, considerando-se que o educador também é *sujeito* ativo de todo processo pedagógico, incluem-se como sujeitos, os educadores do terceiro ciclo, das disciplinas de Filosofia, Geografia e Matemática, autores do presente projeto.

Cumpra-se dizer que os estudantes da E.M.E.F. Porto Novo, que é uma escola de educação *integralizada*, estão divididos em duas turmas no projeto, a saber: “REDE B” e “REDE C”, que têm as aulas do/ no projeto no período de *integração*, período da tarde.

8.2 METODOLOGIA A SER EMPREGADA

A metodologia a ser empregada será a de *aulas expositivas dialogadas*, e, como se disse, a de *leitura e interpretação* de textos e produções que serão todas elas publicadas na *Internet*, em *blog's* específicos do projeto. Também serão feitas excursões de estudo, *saídas a campo* na cidade de Porto Alegre e na área de entorno da escola. Ao longo do processo, à medida que o professor perceber ser necessário, far-se-á a respectiva tomada de entrevistas e registros fotográficos em diários de campo analógicos e digitais.

8.3 MÉTODO DE AVALIAÇÃO

Basicamente o *método de avaliação* será *processual*, ao longo de todos os mo(vi)mentos acima descritos.

9 CUSTOS

A cargo da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, nas pessoas dos senhores vereadores, por intermédio de seus projetos e verbas, bem como, das Secretarias e Departamentos que têm competência para as respectivas tratativas, nomeadamente, SMAM, DMAE, DEMAB. .

REFERÊNCIAS

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarola, 2004.

MININNI, Giuseppe. **Psicologia cultural da mídia**. São Paulo: A Girafa; Edições SESC, 2008.

RUSHKOFF, Douglas. **Um jogo chamado futuro**: como a cultura dos garotos pode nos ensinar a viver na era do caos. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

SHIRKY, Clay. **Eles vêm aí**: o poder de organizar sem organizações. Lisboa: Actual, 2010.

_____, Clay. **A Cultura da Participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SILVA, Juremir Machado da. **Interatividade imaginal e criatividade virtual**. Educação, Porto Alegre, v.24, n.44, 2005. Porto Alegre. p.9-18.

ANEXO 1

O projeto LIAU enviado em 2015 aprovado para aplicação no de 2016 encontra-se, na íntegra, abaixo, em anexo. Faz-se isso para que as devidas comparações possam serem feitas, bem como as anuências que o presente autor faz em relação ao mesmo, como está dito páginas acima

(ver “Delimitação da Proposta Didático-pedagógica”, à página 4, do presente texto, e, “Justificativa”, à página 6 do mesmo).

Sendo assim, segue:

1 TEMA

O projeto do Laboratório de Inteligência do Ambiente Urbano (LIAU) como possibilidade de compreensão crítica de um modo de vida sustentável frente às relações do/ no território de Porto Alegre (cidade), do/ no Estado do Rio Grande do Sul (Estado), do/ no Brasil (país) e do/ no mundo (Planeta).

2 DELIMITAÇÃO DA PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

A lei 9.795/1999, que é pertinente à educação ambiental legisla apontando para o objetivo de desenvolver uma compreensão mais integrada das múltiplas e complexas relações que se desenvolvem no meio ambiente. Relações que encerram aspectos ecológicos, psicológicos, sociais, políticos, econômicos, científicos, culturais, estéticos, éticos, filosóficos, geográficos e históricos.

Tendo isso por escopo, os projetos intitulados “Laboratório de Inteligência do Ambiente Urbano (LIAU)¹¹, da Rede Municipal de Ensino (RME) de Porto Alegre, procuram (re)construir uma nova forma de (re)conhecer a cidade da capital gaúcha, tanto no sentido das estratégias do *ensino-aprendizagem*, como no sentido do *conteúdo* propriamente dito a ser abordado.

O percurso formativo dos projetos LIAU busca revelar de modo crítico o *sistema natural* da cidade, bem como, o *sistema construído* e a gestão de ambos. Além disso, o LIAU faz parte do “Cidade Escola”, e foi pensado para oportunizar a criação de *saberes locais*, ou por outros termos, *arranjos educativos locais* objetivando ser mais uma maneira de se (re)construir a Educação Ambiental nas escolas. Pensando nisso, o LIAU visa ser ou proporcionar *conexões* possíveis e necessárias que reverberam práticas educativas do/ no cotidiano escolar.

3 JUSTIFICATIVA

¹¹ O projeto LIAU é fruto da cooperação entre SMED e UFRGS, oficializado por meio de um convênio firmado entre ambas as partes.

Torna-se cada vez mais relevante oportunizar a formação qualificada que desenvolva a consciência ambiental. Sejam leis, parâmetros, cartas, relatórios, inúmeros são os documentos que prevêm e sugerem a inserção da Educação Ambiental nas escolas. A Carta da Terra, por exemplo, em seu *preâmbulo*, destaca o paradoxal momento de *perigo e esperança* atual, bem como, a questão da *exclusão* motivada pela *má distribuição da renda* que gera pobreza, e, ainda, a devastação ambiental e o esgotamento dos recursos como fatos, ainda que não inevitáveis.

A E.M.E.F. Porto Novo, recentemente inaugurada, tem por parâmetro forte a Carta da Terra e não pode ficar alheia às questões acima aduzidas. A escola tem o compromisso com a sustentabilidade e se sente chamada a trabalhar com seus alunos as questões ambientais, até mesmo pelas especificidades de sua comunidade escolar, que tem boa parte de suas atividades socioeconômicas relacionadas com a questão da reciclagem, e, portanto, envolvidas com aquilo que é o resultado final de processo produtivo: o lixo.

Assim, o presente se justifica porque busca fazer com que o estudante reconheça o *trajeto* que os objetos manufaturados e industrializados fazem ao longo da cadeia produtiva, bem como a conscientização para uma tomada de decisão sustentável perante a vida.

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

Possibilitar o (re)conhecimento do *sistema ambiental natural*, do *sistema construído* e de suas múltiplas relações com o *local* (cidade) e o *global* (país/ planeta).

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

O presente projeto busca ainda a consecução dos seguintes objetivos:

- Oportunizar o protagonismo juvenil sob a forma de *monitoria* (*monitores do LIAU*)
- Reconhecer as especificidades do sítio do bairro Porto Novo

- Reconhecer as especificidades do sítio da cidade de Porto Alegre
- Reconhecer vegetais autóctones e exóticos do/ no bairro Porto Novo
- Reconhecer a vegetação da cidade de Porto Alegre
- Reconhecer a altimetria do bairro Porto Novo
- Reconhecer o relevo da cidade de Porto Alegre
- Reconhecer o microclima do bairro Porto Novo
- Reconhecer o clima da cidade de Porto Alegre
- Reconhecer os arroios da região do entorno do bairro Porto Novo
- Reconhecer a hidrografia da cidade de Porto Alegre
- Relacionar *clima e vegetação*
- Relacionar *relevo e hidrografia*
- Planejar os *espaços* da E.M.E.F. Porto Novo
- Ler o Atlas Ambiental da Cidade de Porto Alegre
- Discutir os problemas ambientais da capital gaúcha
- Conceituar *lago*: estudo de caso do Guaíba
- Descrever a *paisagem* do bairro Porto Novo
- Descrever a *paisagem* da cidade de Porto Alegre
- Discutir o “problema” ou a “solução” do *lixo* em Porto Alegre
- Julgar ações relacionadas com o ambiente do/ no bairro Porto Novo
- Julgar ações relacionadas com o ambiente de Porto Alegre
- Propor soluções para questões ambientais locais (bairro/ cidade) e globais (país/ continente/ planeta)
- Narrar aspectos do ambiente natural local (bairro/ cidade) e global (país/ continente/ planeta)
- Descrever aspectos do ambiente natural local (bairro/ cidade) e global (país/ continente/ planeta)
- Desenhar aspectos do ambiente natural local (bairro/ cidade) e global (país/ continente/ planeta)
- Esboçar aspectos do ambiente natural local (bairro/ cidade) e global (país/ continente/ planeta)

- Formar *alunos monitores* para serem *multiplicadores* da Educação Ambiental (re)construída ao longo do projeto LIAU

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Fala-se muito em *interdisciplinaridade* na Universidade e na Escola. Para o filósofo Edgar Morin, as ciências que, tendo em vista o seu conjunto *epistêmico*, mais facilmente conseguem praticar tal ação são aquelas que se utilizam das competências de outras ciências, integrando-as numa totalidade. Assim, segundo o pensador, “Há ciências multidisciplinares como a Geografia, que cobre um campo vasto, que parte da geologia para os fenômenos econômicos e sociais” (2005, p. 23), ou,

Tomemos um exemplo em ciências ecológicas. O que são as ciências ecológicas? É o estudo do que chamamos de ecossistemas, ou seja, da totalidade de interações entre vegetais e animais, unicelulares, a geologia, o clima, o meio físico, etc. e tudo isso cria uma organização natural que se chama ecossistema. O conjunto de ecossistemas forma a biosfera, uma estrutura extremamente complexa. O especialista em ecologia utiliza-se de competências de diferentes disciplinas. Ele é obrigado a associá-las em sua mente, ter um espírito interdisciplinar e até transdisciplinar (MORIN, 2007, p. 24).

Percebe-se, então, que a capacidade de integrar e relacionar diferentes tipos de competências produzidos por diferentes disciplinas é extremamente importante, se se quiser compreender a complexidade apresentada pelo planeta e as relações sócio-culturais que nele se desenvolvem. Assim, talvez, a *inter*, a *multi* e a *transdisciplinaridade* sejam mesmo uma questão de comunicação, uma questão diálogo entre as áreas do saber (SILVA, 2007).

Nesse sentido, justiça é feita ao se citar as disciplinas de *Artes*, de *Educação Física* e de *Língua Portuguesa*, que emergem como disciplinas que, respectivamente, podem contribuir com *links* entre o homem e a percepção/ representação que ele tem/ faz do meio, entre o homem e a sensação/ comportamento que ele tem frente a diferentes condições de temperatura e pressão, e, entre o homem e a linguagem da qual se utiliza para relatar tudo isso. Do mesmo modo, as demais componentes curriculares (*História*, *Matemática*, *Ciências* e *séries iniciais* (alfabetização)) têm esse mesmo compromisso.

Assumindo-se esse entendimento dever-se-á assumir, também, que o *currículo escolar* deve estar preparado para tais debates e diálogos que serão compartilhados entre as disciplinas, e, nesse

sentido, as noções de *currículo-mapa* e *currículo aberto* podem ser interessantes (MATIAS, 2008; CORAZZA, 1995, 1996, 2001a, 2001b, 2002a, 2002b, 2003, 2004, 2006), pois, prevêm fendas ou nódulos onde mais e mais conhecimentos, saberes e competências podem ser conectados.

No entanto, é só *teoricamente* que não há diferença entre a teoria e a prática. Na escola, essa tensão não deixa de ser verdadeira. Muitas vezes projetos e planejamentos são feitos no sentido de se por em prática aquilo que é estudado somente em teoria, e, no entanto, isso acaba ficando em segundo plano. Assim, para que não haja dicotomias entre a teoria e a prática, emerge a extrema importância de fazer com que o *mundo* seja o laboratório dos educandos. O educando não deve ficar só no *ver*, no analisar o mundo. Da mesma forma, o *julgar*, o estabelecer juízos com relação a certas realidades não é suficiente. O mundo, como se sabe, necessita de *ações* e transformações. O objetivo mesmo da educação é o de modificar a condição humana e a sociedade na qual ele vive (PINTO, 2010). Assim, *ações* e *transformações* só serão feitas se for possibilitado aos educandos a oportunidade de deparar-se com situações que exijam isso dele. O ato de projetar mudanças é o que permite o sempre próximo e decisivo passo da Educação, que é o da ação. Por outros termos, o presente projeto apropria-se do método do *ver-julgar-agir* (BORAN, 1977) e faz isso porque se assume o entendimento de que o mundo só não é transformado pelos cidadãos atuais (estudantes do passado) porque estes não tiveram a verdadeira oportunidade de conceberem projetos de mudança, bem como, não se apropriaram do *ser cidadão*. Ficaram, assim, destituídos das ferramentas teóricas e argumentativas que lhes permitiriam proceder a uma prática efetivamente transformadora.

Acredita-se, então, na urgência da *observação* científica, no julgamento e na elaboração de juízos segundo critérios sociais relevantes, e, por fim, na ação responsável e comprometida, quer seja com a alteridade, quer seja com a célula social, na qual o sujeito alvo do presente projeto, educando da E.M.E.F. Porto Novo, estiver inserido.

6 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Cientes do *problema do critério*¹² subjacente a toda e qualquer ação em sala de aula, os presentes autores, proponentes deste projeto, serão sumários na exposição da metodologia. Assim, dir-se-á apenas que a metodologia utilizada será a da *leitura e interpretação* de textos. Como o leitor

¹² Segundo Steup (2006) sempre que estamos a falar acerca do conhecimento que temos das coisas, e, portanto, dos *critérios* utilizados na pesquisa, um problema surge. Tal problema está relacionado à aparente plausibilidade de duas proposições, a saber: “(1) Para conhecer casos, e assim determinar a extensão do conhecimento, devemos conhecer os critérios para isso. (2) Para saber os critérios para o conhecimento (isto é, distinguir entre critérios corretos e incorretos), já devemos ser capazes de reconhecer os seus casos. (p. 762).

pode perceber, então, a presente ação pedagógica é qualitativa, almejando ser um “texto interpretativo provisório” (Olabuénaga, 1999, p. 214).

6.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos do presente projeto pedagógico serão os estudantes do terceiro ciclo, da E.M.E.F. Porto Novo, especificamente os das turmas B31, C11, C21 e C31, e, é claro, considerando-se que o educador também é *sujeito* ativo de todo processo pedagógico, incluem-se como sujeitos, os educadores do terceiro ciclo, das disciplinas de Filosofia, Geografia e Matemática, autores do presente projeto.

Cumprir dizer que os estudantes da E.M.E.F. Porto ANovo, que é uma escola de educação *integral*, estão divididos em cinco turmas no projeto, a saber: “LIAU 1”, “LIAU 2”, “LIAU 3”, “LIAU 4” e “LIAU 5”, que têm suas aulas do/ no projeto no período de *integração*; período da tarde.

6.3 METODOLOGIA A SER EMPREGADA

A metodologia a ser empregada será excursão pedagógica na área de entorno da escola, com respectiva tomada de entrevistas e registros fotográficos e diários de campo. Também será utilizada a aula expositiva dialogada, com técnicas de explosão de idéias (*brainstorm*), leitura e interpretação de textos.

6.6 MÉTODO DE AVALIAÇÃO

Basicamente o *método de avaliação* será *processual*, ao longo de todos os mo(vi)mentos acima descritos.

7 CRONOGRAMA E CUSTOS

O *cronograma* de um projeto deste porte pode sofrer uma série de alterações ao longo do ano letivo. Concernentemente a ordem dos acontecimentos, diga-se somente que se buscou deixar aqui, como se poderá ver adiante, a projeção de modo mais minucioso possível das atividades a serem realizadas.

Relativamente aos *custos*, como se sabe, cada escola conta com verbas específicas para a consecução do projeto LIAU.

7.1 CUSTOS

O presente projeto envolve os custos que estão previstos pela verba específica para o LIAU da Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

7.2 CRONOGRAMA

Como foi exposto acima, o projeto LIAU da E.M.E.F. Porto Novo, que é uma escola de *educação integral*, foi dividido entre cinco turmas (“LIAU 1”, “LIAU 2”, “LIAU 3”, “LIAU 4” e “LIAU 5”) que têm suas aulas no período *integrativo*, o período da tarde. Deste modo, como poderá ser visto no cronograma representado pelo quadro abaixo, algumas das atividades a serem realizadas se repetem ao longo dos LIAU’s 1, 2, 3, 4 e 5.

Nesse sentido, cumpre dizer que à medida que o *objetivo específico* da *formação de monitores*¹³ for sendo alcançado, os *monitores* do LIAU ajudarão nas aulas expositivas dialogadas, sendo *protagonistas*, *multiplicadores* do conhecimento (re)construído e sendo *orientadores* dos demais colegas. Assim, as aulas não se tornarão repetitivas no mau sentido do termo.

Segunda-feira:	Terça-feira:	Quarta-feira:	Quinta-feira:	Sexta-feira:	Sábado:	Domingo:
Fevereiro:						

¹³ Ver o primeiro dos *objetivos específicos*, no item “4.2 Objetivos Específicos”, à página 5, do presente projeto.

1º (LIAU 1 e 2): lançamento do projeto LIAU.	2:	3 (LIAU 3 e 4): lançamento do projeto LIAU.	4 (LIAU 5): lançamento do projeto LIAU.	5:	6:	7:
8 (LIAU 1 e 2): aula inaugural com convidado especial.	9:	10 (LIAU 3 e 4): aula inaugural com convidado especial.	11 (LIAU 5): aula inaugural com convidado especial.	12:	13:	14:
15 LIAU (1 e 2): aula expositiva dialogada sobre o Atlas Ambiental de Porto Alegre	16:	17 (LIAU 3 e 4): aula expositiva dialogada sobre o Atlas Ambiental de Porto Alegre	18 (LIAU 5): aula expositiva dialogada sobre o Atlas Ambiental de Porto Alegre	19:	20:	21:
22 (LIAU 1 e 2): aula expositiva dialogada, com técnica de explosão de idéias, utilizando- se do Atlas Ambiental de Porto Alegre, com o objetivo de se estabelecer, em nível micro e macro, a localização do estudante: onde estamos?	23:	24 (LIAU 3 e 4): aula expositiva dialogada, com técnica de explosão de idéias, utilizando- se do Atlas Ambiental de Porto Alegre, com o objetivo de se estabelecer, em nível micro e macro, a localização do estudante: onde estamos?	25 (LIAU 5): aula expositiva dialogada, com técnica de explosão de idéias, utilizando- se do Atlas Ambiental de Porto Alegre, com o objetivo de se estabelecer, em nível micro e macro, a localização do estudante: onde estamos?	26:	27:	28:
29 (LIAU 1 e 2): Aula expositiva dialogada com dinâmica de leitura, discussão e retirada de duvidas acerca da unidade 1 do Atlas Ambiental de Porto Alegre (O Sistema Natural), especificamente sobre a evolução geológica da capital gaúcha,						

<p>“Porto Alegrentes do homem”: (i) tectônica de placas e (ii) os “níveis” dos mares (as transgressões e regressões marinhas).</p>						
Março:						
	1º:	<p>2 (LIAU 3 e 4): Aula expositiva dialogada com dinâmica de leitura, discussão e retirada de dúvidas acerca da unidade 1 do Atlas Ambiental de Porto Alegre (O Sistema Natural), especificamente sobre a evolução geológica da capital gaúcha, “Porto Alegrentes do homem”: (i) tectônica de placas e (ii) os “níveis” dos mares (as transgressões e regressões marinhas).</p>	<p>3 (LIAU 5): Aula expositiva dialogada com dinâmica de leitura, discussão e retirada de dúvidas acerca da unidade 1 do Atlas Ambiental de Porto Alegre (O Sistema Natural), especificamente sobre a evolução geológica da capital gaúcha, “Porto Alegrentes do homem”: (i) tectônica de placas e (ii) os “níveis” dos mares (as transgressões e regressões marinhas).</p>	4:	5:	6:
<p>7 (LIAU 1 e 2): Aula expositiva dialogada sobre as formações vegetais de Porto Alegre.</p>	8:	<p>9 (LIAU 3 e 4): Aula expositiva dialogada sobre as formações vegetais de Porto Alegre.</p>	<p>10 (LIAU 5): Aula expositiva dialogada sobre as formações vegetais de Porto Alegre.</p>	11:	12:	13:
<p>14 (LIAU 1 e 2): Aula expositiva dialogada sobre</p>	15:	<p>16 (LIAU 3 e 4): Aula expositiva dialogada sobre</p>	<p>17 (LIAU 5): Aula expositiva dialogada sobre</p>	18:	19:	20:

o clima e os microclimas de Porto Alegre.		o clima e os microclimas de Porto Alegre.	o clima e os microclimas de Porto Alegre.			
21 (LIAU 1 e 2):	22:	23 (LIAU 3 e 4): Aula expositiva dialogada sobre o relevo de Porto Alegre e sua inserção no Rio Grande do Sul.	24 (LIAU 5): Aula expositiva dialogada sobre o relevo de Porto Alegre e sua inserção no Rio Grande do Sul.	25:	26:	27
28 (LIAU 1 e 2): Aula expositiva dialogada sobre a diversidade da fauna porto-alegrense e gaúcha.	29:	30 (LIAU 3 e 4): Aula expositiva dialogada sobre a diversidade da fauna porto-alegrense e gaúcha.	31 (LIAU 5): Aula expositiva dialogada sobre a diversidade da fauna porto-alegrense e gaúcha.			
Abril:						
				1º:	2:	3:
4 (LIAU 1 e 2): Aula expositiva dialogada sobre as unidades de conservação presentes no município de Porto Alegre.	5:	6 (LIAU 3 e 4): Aula expositiva dialogada sobre as unidades de conservação presentes no município de Porto Alegre.	7 (LIAU 5): Aula expositiva dialogada sobre as unidades de conservação presentes no município de Porto Alegre.	8:	9:	10:
11 (LIAU 1 e 2): Aula expositiva dialogada com dinâmica de leitura, discussão e retirada de dúvidas acerca da unidade 2 do Atlas Ambiental de Porto Alegre (O Sistema Construído), especificamente sobre a evolução urbana do município de Porto Alegre.	12:	13 (LIAU 3 e 4): Aula expositiva dialogada com dinâmica de leitura, discussão e retirada de dúvidas acerca da unidade 2 do Atlas Ambiental de Porto Alegre (O Sistema Construído), especificamente sobre a evolução urbana do município de Porto Alegre.	14 (LIAU 5): Aula expositiva dialogada com dinâmica de leitura, discussão e retirada de dúvidas acerca da unidade 2 do Atlas Ambiental de Porto Alegre (O Sistema Construído), especificamente sobre a evolução urbana do município de Porto Alegre.	15:	16:	17:
18 (LIAU 1 e 2):	19:	20 (LIAU 3 e 4):	21 (LIAU 5): Aula	22:	23:	24:

Aula expositiva dialogada sobre a organização urbana de Porto Alegre.		Aula expositiva dialogada sobre a organização urbana de Porto Alegre.	expositiva dialogada sobre a organização urbana de Porto Alegre.			
25 (LIAU 1 e 2): Aula expositiva dialogada sobre os parques e as praças da capital gaúcha.	25:	27 (LIAU 3 e 4): Aula expositiva dialogada sobre os parques e as praças da capital gaúcha.	28 (LIAU 5): Aula expositiva dialogada sobre os parques e as praças da capital gaúcha.	29:	30:	
Maio						
2 (LIAU 1 e 2): Aula expositiva dialogada sobre as árvores das ruas de Porto Alegre.	3:	4 (LIAU 3 e 4): Aula expositiva dialogada sobre as árvores das ruas de Porto Alegre.	5 (LIAU 5): Aula expositiva dialogada sobre as árvores das ruas de Porto Alegre.	6:	7:	8:
9 (LIAU 1 e 2): Aula expositiva dialogada sobre a influência das áreas construídas no microclima de Porto Alegre.	10:	11 (LIAU 3 e 4): Aula expositiva dialogada sobre a influência das áreas construídas no microclima de Porto Alegre.	12 (LIAU 5): Aula expositiva dialogada sobre a influência das áreas construídas no microclima de Porto Alegre.	13:	14:	15:
16 (LIAU 1 e 2): Aula expositiva dialogada sobre as atividades impactantes realizadas em Porto Alegre.	17:	18 (LIAU 3 e 4): Aula expositiva dialogada sobre as atividades impactantes realizadas em Porto Alegre.	19 (LIAU 5): Aula expositiva dialogada sobre as atividades impactantes realizadas em Porto Alegre.	20:	21:	22:
23 (LIAU 1 e 2): Aula expositiva dialogada acerca do saneamento em Porto Alegre.	24:	25 (LIAU 3 e 4): Aula expositiva dialogada acerca do saneamento em Porto Alegre.	26 (LIAU 5): Aula expositiva dialogada acerca do saneamento em Porto Alegre.	27:	28:	29:
30 (LIAU 1 e 2): Aula expositiva dialogada com dinâmica de leitura, discussão e retirada de dúvidas acerca da unidade 3 do	31:					

Atlas Ambiental de Porto Alegre (A Gestão Ambiental), especificamente sobre a busca de um desenvolvimento sustentável.						
Junho:						
		1º (LIAU 3 e 4): Aula expositiva dialogada com dinâmica de leitura, discussão e retirada de duvidas acerca da unidade 3 do Atlas Ambiental de Porto Alegre (A Gestão Ambiental), especificamente sobre a busca de um desenvolvimento sustentável.	2 (LIAU 5): Aula expositiva dialogada com dinâmica de leitura, discussão e retirada de duvidas acerca da unidade 3 do Atlas Ambiental de Porto Alegre (A Gestão Ambiental), especificamente sobre a busca de um desenvolvimento sustentável.	3:	4:	5:
6 (LIAU 1 e 2): Aula expositiva dialogada sobre o estabelecimento de temáticas de pesquisa e estudo específicas de interesse dos estudantes.	7:	8 (LIAU 3 e 4): Aula expositiva dialogada sobre o estabelecimento de temáticas de pesquisa e estudo específicas de interesse dos estudantes.	9 (LIAU 5): Aula expositiva dialogada sobre o estabelecimento de temáticas de pesquisa e estudo específicas de interesse dos estudantes.	10:	11:	12:
13 (LIAU 1 e 2): Aula expositiva dialogada a respeito da formação de monitores do LIAU.	14:	15 (LIAU 3 e 4): Aula expositiva dialogada a respeito da formação de monitores do LIAU.	16 (LIAU 5): Aula expositiva dialogada a respeito da formação de monitores do LIAU.	17:	18:	19:
20 (LIAU 1 e 2):	21:	22 (LIAU 3 e 4):	23 (LIAU 5): Aula	24:	25:	26:

Aula para pesquisa e coleta de dados em “gabinete” – Laboratório de Informática (parte 1 de 2).		Aula para pesquisa e coleta de dados em “gabinete” – Laboratório de Informática (parte 1 de 2).	para pesquisa e coleta de dados em “gabinete” – Laboratório de Informática (parte 1 de 2).			
27 (LIAU 1 e 2): Aula para pesquisa e coleta de dados em “gabinete” – Laboratório de Informática (parte 2 de 2).	28:	29 (LIAU 3 e 4): Aula para pesquisa e coleta de dados em “gabinete” – Laboratório de Informática (parte 2 de 2).	30 (LIAU 5): Aula para pesquisa e coleta de dados em “gabinete” – Laboratório de Informática (parte 2 de 2).			
Julho:						
				1º	2:	3:
4 (LIAU 1 e 2): Aula para pesquisa e coleta de dados em “gabinete” – Laboratório de Informática (parte 1 de 2).	5:	6 (LIAU 3 e 4): Aula para pesquisa e coleta de dados em “gabinete” – Laboratório de Informática (parte 1 de 2).	7 (LIAU 5): Aula para pesquisa e coleta de dados em “gabinete” – Laboratório de Informática (parte 1 de 2).	8:	9:	10:
11:	12:	13:	14:	15:	16:	17:
18:	19:	20:	21:	22:	23:	24:
25:	26:	27:	28:	29:	30:	
Agosto:						
1º (LIAU 1 e 2): Aula para pesquisa e coleta de dados em “gabinete” – Biblioteca da escola (parte 2 de 2).	2:	3 (LIAU 3 e 4): Aula para pesquisa e coleta de dados em “gabinete” – Biblioteca da escola (parte 2 de 2).	4 (LIAU 5): Aula para pesquisa e coleta de dados em “gabinete” – Biblioteca da escola (parte 2 de 2).	5:	6:	7:
8 (LIAU 1 e 2): Apresentação do “bonecos” dos trabalhos de	9:	10 (LIAU 3 e 4): Apresentação do “bonecos” dos trabalhos de	11 (LIAU 5): Apresentação do “bonecos” dos trabalhos de	12:	13:	14:

pesquisa.		pesquisa.	pesquisa.			
15 (LIAU 1 e 2): Retorno dos "bonecos" dos trabalhos de pesquisa.	16:	17 (LIAU 3 e 4): Retorno dos "bonecos" dos trabalhos de pesquisa.	18 (LIAU 5): Retorno dos "bonecos" dos trabalhos de pesquisa.	19:	20:	21:
22 (LIAU 1 e 2): Aula para apresentação sucinta dos trabalhos de pesquisa junto ao pequeno grupo.	23:	24 (LIAU 3 e 4): Aula para apresentação sucinta dos trabalhos de pesquisa junto ao pequeno grupo.	25 (LIAU 5): Aula para apresentação sucinta dos trabalhos de pesquisa junto ao pequeno grupo.	26:	27:	28:
29 (LIAU 1 e 2): Aula para apresentação sucinta dos trabalhos de pesquisa junto ao pequeno grupo.	30:	31 (LIAU 3 e 4): Aula para apresentação sucinta dos trabalhos de pesquisa junto ao pequeno grupo.				
Setembro:						
			1º:	2:	3:	4:
5 (LIAU 1 e 2): Data reserva: provavelmente para a apresentação sucinta dos trabalhos de pesquisa junto ao pequeno grupo.	6:	7:	8 (LIAU 5): Data reserva: provavelmente para a apresentação sucinta dos trabalhos de pesquisa junto ao pequeno grupo.	9:	10:	11:
12 (LIAU 1 e 2): Data reserva: provavelmente para a apresentação sucinta dos trabalhos de pesquisa junto ao pequeno grupo.	13:	14 (LIAU 3 e 4): Data reserva: provavelmente para a apresentação sucinta dos trabalhos de pesquisa junto ao pequeno grupo.	15 (LIAU 5): Data reserva: provavelmente para a apresentação sucinta dos trabalhos de pesquisa junto ao pequeno grupo.	16:	17:	18:

19 (LIAU 1 e 2): Reambulação – saída a campo para o reconhecimento de feições do bairro Porto Novo (parte 1 de 2.	20:	21 (LIAU 3 e 4): Reambulação – saída a campo para o reconhecimento de feições do bairro Porto Novo (parte 1 de 2.	22 (LIAU 5): Reambulação – saída a campo para o reconhecimento de feições do bairro Porto Novo (parte 1 de 2.	23:	24:	25:
26 (LIAU 1 e 2): Reambulação – saída a campo para o reconhecimento de feições do bairro Porto Novo (parte 2 de 2.	27:	28 (LIAU 3 e 4): Reambulação – saída a campo para o reconhecimento de feições do bairro Porto Novo (parte 2 de 2.	29 LIAU 5): Reambulação – saída a campo para o reconhecimento de feições do bairro Porto Novo (parte 2 de 2.	30:		
Outubro:						
3 (LIAU 1 e 2): Trabalho no pátio da escola: os canteiros, as árvores, as plantas em geral, os espaços e sua configuração.	4:	5 (LIAU 3 e 4): Trabalho no pátio da escola: os canteiros, as árvores, as plantas em geral, os espaços e sua configuração.	6 (LIAU 5): Trabalho no pátio da escola: os canteiros, as árvores, as plantas em geral, os espaços e sua configuração.	7:	8:	9:
10 (LIAU 1 e 2): Trabalho no pátio da escola: os canteiros, as árvores, as plantas em geral, os espaços e sua configuração.	11:	12 (LIAU 3 e 4): Trabalho no pátio da escola: os canteiros, as árvores, as plantas em geral, os espaços e sua configuração.	13 (LIAU 5): Trabalho no pátio da escola: os canteiros, as árvores, as plantas em geral, os espaços e sua configuração.	14:	15:	16:
17 (LIAU 1 e 2): Aula expositiva sobre técnicas de plantio.	18:	19 (LIAU 3 e 4): Aula expositiva sobre técnicas de plantio.	20 (LIAU 5): Aula expositiva sobre técnicas de plantio.	21:	22:	23:
24 (LIAU 1 e 2): Aula expositiva dialogada sobre a cultura gauchesca e a sua relação com	25:	26 (LIAU 3 e 4): Aula expositiva dialogada sobre a cultura gauchesca e a sua relação com	27 (LIAU 5): Aula expositiva dialogada sobre a cultura gauchesca e a sua relação com	28:	29:	30:

o meio ambiente: introdução.		o meio ambiente: introdução.	o meio ambiente: introdução.			
31 (LIAU 1 e 2): Aula expositiva dialogada sobre a cultura gauchesca e a sua relação com o meio ambiente: conclusão.						
Novembro:						
	1º:	2 (LIAU 3 e 4): Aula expositiva dialogada sobre bushcraft (sobrevivência na mata – noções)	3 (LIAU 5): Aula expositiva dialogada sobre bushcraft (sobrevivência na mata – noções)	4:	5:	6:
7 (LIAU 1 e 2): Trabalho no pátio da E.M.E.F. Porto Novo.	8:	9 (LIAU 3 e 4): Trabalho no pátio da E.M.E.F. Porto Novo.	10 (LIAU 5): Trabalho no pátio da E.M.E.F. Porto Novo.	11:	12:	13:
14 (LIAU 1 e 2): Trabalho no pátio da E.M.E.F. Porto Novo.	15:	16 (LIAU 3 e 4): Trabalho no pátio da E.M.E.F. Porto Novo.	17 (LIAU 5): Trabalho no pátio da E.M.E.F. Porto Novo.	18:	19:	20:
21 (LIAU 1 e 2): Trabalho de intercâmbio entre diferentes LIAU's (escola(s) convidada(s), com seus estudantes, vem a Porto Novo para a troca de experiências.	22:	23 (LIAU 3 e 4): Trabalho de intercâmbio entre diferentes LIAU's (escola(s) convidada(s), com seus estudantes, vem a Porto Novo para a troca de experiências.	24 (LIAU 5): Trabalho de intercâmbio entre diferentes LIAU's (escola(s) convidada(s), com seus estudantes, vem a Porto Novo para a troca de experiências.	25:	26:	27:
28 (LIAU 1 e 2): Aula para avaliar a experiência do dia 5 de out..	29:	30 (LIAU 3 e 4): Aula para avaliar a experiência do dia 5 de out..				
Dezembro:						

			1º (LIAU 5): Aula para avaliar a experiência do dia 5 de out..	2:	3:	4:
5 (LIAU 1 e 2): Trabalho de intercâmbio entre diferentes LIAU's: estudantes da Porto Novo visitam outra(s) escola(s) que também desenvolvem o projeto para troca de experiências.	6:	7 (LIAU 3 e 4): Trabalho de intercâmbio entre diferentes LIAU's: estudantes da Porto Novo visitam outra(s) escola(s) que também desenvolvem o projeto para troca de experiências.	8 (LIAU 5): Trabalho de intercâmbio entre diferentes LIAU's: estudantes da Porto Novo visitam outra(s) escola(s) que também desenvolvem o projeto para troca de experiências.	9:	10:	11:
12 (LIAU 1 e 2): Aula expositiva dialogada sobre Filosofia da Natureza.	13:	14 (LIAU 3 e 4): Aula expositiva dialogada sobre Filosofia da Natureza.	15 (LIAU 5): Aula expositiva dialogada sobre Filosofia da Natureza.	16:	17:	18:
19 Aula de encerramento do projeto LIAU:	20:	21:	22:	23:	24:	25:
26:	27:	28:	29:	30:	31:	

REFERÊNCIAS

CORAZZA, Sandra Mara. Currículo e política cultural da avaliação. **Educação e Realidade**, Porto Alegre - RS, v. 20, n. 2, p. 47-59, 1995.

_____. Bolando um currículo de luta. **Bolando aula de história**, Santos, SP, v. 37, n. 1, p. 3-4, 2002.

_____. Currículo: artistagem de educadores culturais. **Currículo 2002: textos reflexivos**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 08-10, 2004.

_____. Currículos alternativos-oficiais: o(s) risco(s) do hibridismo. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, p. 100-114, 2001

_____. Diferença pura de um pós-curriculo: a voz dos diferentes incorporada ao curriculo. **Educação&Participação**, São Paulo, v. IV, n. 1, p. 3-3, 2006

_____. Noologia do curriculo: Vagamundo, o problemático, o assentado, o resolvido. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, RS, v. 27, n. 2, p. 131-141, 2003.

_____. **O que quer um curriculo?** Pesquisas pós-críticas em educação. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001. v. 1. 152 p.

_____. Olhos de poder sobre o curriculo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre - RS, v. 21, n. 1, p. 46-69, 1996.

_____. Pedagogia e curriculo em três tempos. **Pátio-Revista Pedagógica**, Porto Alegre, v. 6, n. 21, p. 44-47, 2002.

BORAN, Jorge. **O senso crítico e o método ver-julgar-agir para pequenos grupos de base**. São Paulo: Loyola, 1977.

DEBONI, Fábio. Agenda 21: afinal, o que é isso mesmo? **Mundo Jovem**, v.45, n.380, 2007 Porto Alegre. p. 16

DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa**. 7.ed. Campinas,SP: Autores Associados, 2005.

MATIAS, Virgínia Coeli Bueno de Queiroz . A transversalidade e a construção de novas subjetividades pelo curriculo escolar. **Curriculo sem Fronteiras**, v. 8, p. 62-75, 2008.

MORIN, Edgar. **Educação e Complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. 3 ed. Tradução Edgard de Assis Carvalho São Paulo: Cortez, 2005. 104 p.

_____. Desafios da Transdisciplinaridade e da Complexidade. In. AUDY, Jorge Luis Nicolas; MOROSINI, Marília Costa (Orgs.). **Innovation and interdisciplinarity in the university: Inovação e Interdisciplinaridade na Universidade**. Porto Alegre: EDUPUCRS, 2007. 526 p.

SILVA, Juremir Machado da. Inter, multi ou transdisciplinaridade, uma questão de comunicação. In. AUDY, Jorge Luis Nicolas; MOROSINI, Marília Costa (Orgs.). **Innovation and interdisciplinarity in the university: Inovação e Interdisciplinaridade na Universidade**. Porto Alegre: EDUPUCRS, 2007. 526 p.

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2003

DORTIER, Jean-François. ANOMIA. In: DORTIER, Jean-François. **Dicionário de Ciências Humanas**. Tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Editora WMF e Martins Fontes, 2010, 730 p., p. 16.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio**: estudo de sociologia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MERTON, Robert King. **A Ambivalência Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.